

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**IMAGENS SERTANEJAS**  
**O SERTANEJO SEGUNDO MANOEL DANTAS**

Cláudia Renata Cavalcanti Furtado

NATAL - RN

2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

IMAGENS SERTANEJAS  
O SERTANEJO SEGUNDO MANOEL DANTAS

NATAL / RN  
2003

49-030  
7-A

AGRADECIMENTOS

**CLÁUDIA RENATA CAVALCANTI FURTADO**

10,0

**IMAGENS SERTANEJAS**  
**O SERTANEJO SEGUNDO MANOEL DANTAS**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Almir de Carvalho Bueno.

NATAL / RN  
2003

## AGRADECIMENTOS

## SUMÁRIO

Primeiramente a Deus, por ser a minha fonte de força e coragem, além de dar as diretrizes da minha vida como um todo.

Aos meus pais, João e Graça, pela dedicação e por terem me ensinado que o estudo é o verdadeiro tesouro que alguém pode herdar.

Aos meus tios e em especial a minha tia Sônia, por ter acreditado em meu potencial e me apoiado de diversas formas quando, em meus estudos, precisei de sua ajuda.

Aos meus avós, Nazaré e Estácio, Ana Nita e Francisco (em memória), pela base da educação que passaram para os meus pais e que foi repassada a mim, sendo à base da construção de quem eu sou hoje.

A Delano, pela paciência na correção da parte técnica da digitação desse trabalho monográfico e por sempre acreditar que eu conseguiria escrevê-lo.

A Beatriz, minha melhor amiga na Universidade e companheira inseparável de estudos, por me ajudar nas buscas pela bibliografia utilizada na presente monografia.

Aos meus amigos em geral, por terem me proporcionado momentos de descontração e de muitas risadas, quando precisei relaxar e esquecer as preocupações do Curso.

A todos os funcionários do Núcleo de Estudos Históricos (NEH), pela atenção e educação com que me atenderam sempre que precisei de seus serviços.

Ao professor Raimundo Arrais, pela orientação na indicação do tema, quando da elaboração do Projeto de Pesquisa.

Ao professor Almir de Carvalho Bueno, pela orientação clara e objetiva durante o período de elaboração da presente monografia.

A professora Denise, pelas palavras duras na disciplina Pesquisa I, que me fizeram “acordar” para a necessidade de dar mais atenção à elaboração da monografia.

A professora Aurinete, pela orientação atenciosa quanto às normas técnicas de apresentação do meu trabalho monográfico.

E em fim, a todos os que estiveram ao meu lado e não negaram seu apoio, seja ele qual for, quando mais precisei de ajuda ao longo da jornada percorrida a cada dia. A todos o meu muito obrigado.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	03
2 - DA EUROPA AO BRASIL: o longo caminho das novas idéias no final do século XIX .....	07
3 - BRASILIDADE SERTANEJA: os prós e os contras da construção da imagem sertaneja .....	16
4 - MANOEL DANTAS: um sertanejo progressista .....	26
5 - CONCLUSÃO .....	40
6 - FONTES E BIBLIOGRAFIA .....	43

## 1 - INTRODUÇÃO

O século XIX foi marcado, na Europa, pela ascensão do cientificismo, que se manifestou em grande escala tanto nas ciências naturais quanto nas sociais<sup>1</sup>. Nessas últimas a influência do cientificismo manifestou-se principalmente através do darwinismo social e do positivismo, que procuravam dar explicações mais racionais e, portanto, científicas às seus respectivos objetos de análise.

Essas novas idéias foram introduzidas no Brasil através das faculdades, entre elas, a Faculdade de Direito de Recife, e aqui foram largamente utilizadas pelos intelectuais da época, que procuravam nelas as explicações para as questões apresentadas pela realidade brasileira. O início do século XX no Brasil foi marcado por uma série de transformações que vinham se estruturando desde a segunda metade do século XIX. Dentre tais mudanças podemos citar a República, instaurada como novo sistema de governo, em cujas promessas foram depositadas as esperanças de um país melhor. Todos esses acontecimentos fizeram das décadas entre 1880 e 1930, um período de efervescência dentro do meio intelectual brasileiro, e é por essa razão que o delimitamos para a análise do discurso acerca do sertanejo neste trabalho.

No auge das novas discussões que se davam no campo do pensamento científico e político, surge a necessidade de construir uma identidade nacional que pudesse descrever o brasileiro através do agrupamento de suas principais características. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque:

*“A identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar essas realidades, mas criá-las”.<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Entendemos por cientificismo, de acordo com as considerações de Héric Hobsbawm, a busca constante por explicações científicas racionais para as questões da humanidade, que passou a ter maior destaque a partir do século XIX. O cientificismo representou uma grande mudança na forma de enxergar o mundo e responder aos seus questionamentos, já que, antes dele, as respostas dadas tinham como principal base a religiosidade.

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno**. p. 9.

É com esse intuito que o sertanejo surge nas obras de vários intelectuais do século XIX, como o brasileiro nato, homem digno e honesto, um forte, capaz de vencer as maiores adversidades da vida. No entanto, à imagem do sertanejo, foram também atribuídas características negativas, sendo ele descrito como inferior. Essa visão está intimamente ligada às concepções do darwinismo social, que levavam a crer que sendo o sertanejo um mestiço, ele seria geneticamente inferior. Esse pensamento possui um conteúdo ideológico fortemente racista e foi absorvido por diversos intelectuais brasileiros que o demonstraram através de suas obras.

Dentre os principais intelectuais que trataram da questão do sertanejo e do sertão, destacamos, no Rio Grande do Norte, Manoel Dantas, um intelectual caicoense formado na Faculdade de Direito de Recife, onde recebeu as influências das idéias européias, tornando-se um dos nomes de maior destaque dentro do ambiente intelectual norte-rio-grandense, suas obras são fontes extremamente importantes para a compreensão do pensamento intelectual de fins do século XIX e início do XX, uma vez que estava afinado com as mais modernas correntes de pensamento que circulavam no Brasil e na Europa. Ele contribuiu para a formação da imagem do sertanejo que hoje conhecemos e que se formou a partir de uma série de elementos que influenciaram uma geração de intelectuais da qual ele fez parte.

A obra *Homens de Outrora*, selecionada como principal fonte do presente trabalho, é uma coletânea de artigos publicados por Manoel Dantas no jornal *A República* no ano de 1898, dos quais alguns versam a respeito das tradições sertanejas, descrevendo as características do homem do sertão através de histórias típicas da região e tratando ainda da temática da seca, a qual revela a faceta forte do sertanejo. É com o propósito de tentar compreender melhor a imagem que é construída sobre o sertão e o sertanejo no início do século passado que o presente trabalho direciona-se, procurando relacionar a esta imagem, questionamentos que estiveram presentes dentro do ambiente cultural brasileiro desse período, como por exemplo, a questão da raça, do progresso, e da modernidade; aliados à conjuntura dos acontecimentos políticos e econômicos que circundaram o Brasil contribuíram para a formação de uma literatura local que construiu através de seu discurso a idéia de um “ser sertanejo”.

A temática do sertão e do sertanejo foi amplamente discutida nas obras de diversos intelectuais. No entanto, trabalhos que busquem uma reflexão acerca de como se deu a

construção, no Rio Grande do Norte, de uma imagem sertaneja, levando em consideração os discursos disseminados por intelectuais locais, não existem em grande quantidade. Como exemplo de um importante trabalho recente que seguiu essa linha de pensamento e reflexão, podemos citar a dissertação de mestrado de Muirakytan Kennedy de Macedo, intitulada *A penúltima versão do Seridó*, na qual o autor discute o pensamento de Manoel Dantas a respeito do sertão e do sertanejo de sua época, apontando suas principais considerações acerca dos problemas da região e das soluções possíveis para amenizá-los e até mesmo resolvê-los.<sup>3</sup> Outro referencial importante que foi tomado como base para a realização do presente trabalho foram as considerações datadas da década de 1960, mas ainda muito pertinentes do autor João Cruz Costa, presentes no ensaio *O pensamento brasileiro sobre o Império*.<sup>4</sup> Cruz Costa procura discutir a “invasão” das idéias européias no Brasil e a maneira como essas foram recebidas e adaptadas à realidade do país. A leitura de Alfredo Bosi tornou-se, também, importante, no sentido de esclarecer uma das correntes literárias de maior influência para os intelectuais brasileiros, o Regionalismo.<sup>5</sup>

Nossa reflexão acerca da visão do sertanejo segundo Manoel Dantas dividiu-se entre momentos indispensáveis para a compreensão do tema. No primeiro momento procuramos apresentar um panorama geral dos correntes de pensamento que ganharam destaque na Europa e foram trazidas para o Brasil adaptando-se ao ambiente cultural em vigor no país. Num segundo momento procuramos discutir a imagem do sertanejo dentro do pensamento brasileiro de fins do século XIX à luz do ideário europeu que influenciou o país. Em um terceiro momento procuramos expor o pensamento de Manuel Dantas acerca do sertão e de seu personagem central, o sertanejo. Esses momentos se constituíram nos capítulos em que dividimos a monografia.

A presente pesquisa monográfica procura propor a compreensão de um momento de destaque da nossa história intelectual, através da adoção de uma perspectiva literária como divulgadora do chamado “ser sertanejo” e procurar identificar nos discursos de intelectuais locais a maneira de pensar da elite quanto à constituição da sociedade do Rio Grande do Norte no início do século XX, além dos elementos que estavam em pauta no contexto nacional e a sua contribuição para o delineamento das características do homem do sertão

<sup>3</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó*.

<sup>4</sup> COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sob o império*.

<sup>5</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*.

aos olhos de escritores desse período, e em especial, de Manoel Dantas, representante típico da elite cultural norte-rio-grandense.

Os anos que precederam a Primeira Guerra Mundial foram marcados por uma série de mudanças na maneira de enxergar o próprio mundo e, portanto, o conhecimento. As maiores transformações foram sentidas no âmbito das ciências sociais e principalmente das ciências humanas, que sofreram uma grande revolução especialmente do final do século XIX ao início do século XX. As transformações foram principalmente de ordem metodológica, visando a descoberta das "verdades absolutas" que fazem da ciência um universo quase exclusivo para a qual foram dadas "regras" objetivas e que se institucionalizaram. Esse momento foi muito delimitado, nas palavras de Eric Hobsbawm: "Do momento geral, tratava-se das novas ideias a respeito dos pressupostos do século XIX em relação à racionalidade humana e à ordem social das coisas".

As mudanças que antecederam a intelectualidade do século XIX tiveram origem na Europa e procuraram superar as incertezas técnicas do mundo burguês consolidado que se viu cada vez mais obrigado a administrar e buscar cada vez mais o conhecimento como fonte para a expansão individual, visando atingir o progresso não apenas econômico, mas social, político e científico, ou seja, para o progresso da humanidade. Como um exemplo dessas transformações, podemos citar a tentativa de exclusão das forças religiosas, autocráticas e das estruturas baseadas, dessa forma, o distanciamento das estruturas baseadas no pensamento de grupo, numa tentativa de interferir ciência e religião. Tudo isso era característico de um mundo não científico, explicado pelo mundo e pelo positivismo, criando do qual os intelectuais do final do século XIX procuravam distanciar-se cada vez mais.

O que nos interessa na verdade é compreender a relação entre as transformações que se foram e o que estava acontecendo no mundo, em especial na Europa, nesse período. Uma das principais características que marcaram o final do século XIX foi o crescimento vertiginoso do nacionalismo que passou a impulsionar os países europeus a que desenvolvessem um importante papel para a promoção de maiores espaços comerciais e

## 2 - DA EUROPA AO BRASIL: o longo caminho das novas idéias no final do século XIX.

Os anos que precederam a Primeira Guerra Mundial foram marcados por uma série de mudanças na maneira de enxergar o próprio mundo e, portanto, o conhecimento. As maiores transformações foram sentidas no âmbito das ciências sociais e principalmente das ciências naturais, que sofreram uma grande mudança especialmente do final do século XIX ao início do século XX. As transformações foram principalmente de ordem intelectual através da derrocada das “verdades absolutas” que faziam da ciência um universo quase estático, para o qual eram dadas respostas objetivas e quase que incontestáveis. Esse momento foi assim definido, nas palavras de Eric Hobsbawm: “De maneira geral, tratava-se das novas dúvidas a respeito dos pressupostos do século XIX em relação à racionalidade humana e à ordem natural das coisas”.<sup>6</sup>

As mudanças que nortearam a intelectualidade do século XIX tiveram origem na Europa e procuravam atender às necessidades racionais do mundo burguês consolidado que já não tinha lugar para explicações sobrenaturais e buscava cada vez mais o racionalismo como base para a evolução intelectual, caminho natural para o progresso não apenas científico, mas social, político e econômico, ou seja, para o progresso da humanidade. Como um exemplo dessas transformações, podemos citar a tentativa de exclusão das forças religiosas, sobrenaturais e das emoções, buscando, dessa forma, o distanciamento das explicações baseadas no pensamento da igreja, numa tentativa de diferenciar ciência e religião. Tudo isso era característica de um mundo não científico, explicado pela intuição e pelo misticismo, caminho do qual os intelectuais do final do século XIX procuravam distanciar-se cada vez mais.

O que nos interessa na verdade é compreender a relação entre as transformações intelectuais e o que estava acontecendo no mundo, em especial na Europa, nesse período. Uma das principais características que marcaram o final do século XIX foi o crescente sentimento de nacionalismo que passou a impulsionar os países europeus e que desempenhou um importante papel para a promoção de maiores avanços científicos, à

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios*. p. 375.

medida em que, proporcionou uma maior competitividade entre aqueles países. Dessa forma, a Europa passou por um processo de desenvolvimento técnico muito rápido, que teve como consequência direta o avanço da economia industrial. No entanto, é importante compreender que o desenvolvimento desses processos foi concomitante, um impulsionando o outro.

Um conceito muito utilizado em meio às novas idéias que fizeram parte das mudanças empreendidas no período é o de evolução, desenvolvido por Charles Darwin, largamente utilizado e aplicado nas ciências naturais e sociais. Essa relação entre ciências naturais e sociais no tocante às idéias de Darwin, deve-se ao fato de que esse conceito nasceu eminentemente no âmbito das ciências naturais, porém encontrou terreno fértil nas teorias sociais que procuraram pensar o mundo do século XIX. A base dessas teorias foi a idéia de que a sociedade evoluiria através da ciência, do racionalismo, rumo ao progresso da humanidade.<sup>7</sup> Essa linha de pensamento também influenciou a ciência histórica através da construção de uma narrativa factual, que obedecia a regras históricas previsíveis e estáticas. No entanto, com o tempo, surgiram novas correntes de pensamento que passaram a observar o processo histórico de maneira diferente, considerando-o dinâmico e imprevisível, não podendo seguir uma linha evolutiva pré-estabelecida, como ocorria com as leis naturais testadas em laboratório.

A idéia de evolução e progresso vinha ainda revestida de um forte conteúdo ideológico, o racismo, à medida em que colocava a natureza como uma das principais culpadas pela desigualdade humana, expressa na diferença de raças. Essa diferença teria contribuído para a desigualdade que ia diretamente contra uma das idéias centrais da ideologia burguesa, a igualdade. O darwinismo social, portanto, pregava a seleção natural como o caminho que levaria ao desenvolvimento de uma raça superior que dominaria as inferiores que não conseguiram adaptar-se às novas condições econômicas e sociais em suas formas capitalistas e liberais.

Essa evolução não aconteceria apenas no plano social, mas ainda, no biológico através da produção de um homem geneticamente alterado e mais forte. Chegou a ser

---

<sup>7</sup> O evolucionismo, tal como é trabalhado por Eric Hobsbawm em sua obra *A Era dos Impérios*, é uma tendência que procura explicar o movimento da sociedade ao longo da história como fazendo parte de um ciclo evolutivo. Esta idéia esteve extremamente ligada à idéia de progresso principalmente entre o final do século XIX e o início do XX. p. 349

desenvolvido na Europa até mesmo um projeto genético de incentivo às raças superiores, formadas pela burguesia, ou seja, pela população mais rica, e eliminação dos inferiores, como não podia deixar de ser, os mais pobres.<sup>8</sup> Esse projeto recebeu o nome de Eugenia. Essa era uma espécie de genética pseudo científica, que trabalhava ainda com a possibilidade do cruzamento de raças no sentido de obter uma evolução das mesmas. Nos Estados Unidos o darwinismo obteve boa aceitação, principalmente em virtude da noção de livre concorrência, que figurava como forte característica da economia de fundamentação ideológica liberal, e, conseqüentemente, burguesa.

O início do século XX foi marcado, portanto, por uma crise intelectual. Até então havia uma rejeição à ciência e a razão, pois se procuravam respostas sobrenaturais para as questões que surgiam no dia a dia. Essa rejeição partia principalmente das camadas mais pobres da população que constituíam na verdade a grande maioria, não chegando a atingir significativamente a comunidade científica. No início do século XX houve avanços no sentido da massificação da educação, aumentando, assim, a aceitação das explicações de natureza científica. Os ideais que iam surgindo incorporavam, assim, a idéia de cientificidade; um exemplo disso é o socialismo, que foi intitulado "científico". A ciência adquiriu um significado muito maior, uma vez que passou a ser sinônimo de progresso, modernização, liberdade e melhorias sociais. Esse amplo significado pode ser representado pelo próprio darwinismo social, ou seja, a ciência estaria no centro das mudanças que levariam à evolução da humanidade.

A onda de cientificismo levou ao recuo da religião tradicional. Nesse aspecto, porém, a maior parte da população continuou fiel a sua crença, pois a religião tem o poder de unir pessoas em torno de uma fé e dessa forma, dar sua própria explicação aos questionamentos que surgiam.<sup>9</sup> Contudo, nos países burgueses o recuo da religião tradicional se fez sentir de forma mais forte tanto entre as elites intelectuais quanto entre as massas. A religião passou a ser combatida pelos partidários do cientificismo, pois ela inspiraria o não raciocínio, uma vez que procura explicações no sobrenatural.

Essa verdadeira avalanche de novas concepções científicas não se restringiu apenas à Europa, pelo contrário, tendo em vista a sua projeção econômica, política e social no

<sup>8</sup> HOBBSBAM, Eric J. *A era dos impérios*. p. 351.

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 366.

século XIX, essas idéias foram difundidas para todo o mundo ocidental e o Brasil não ficou de fora de suas influências. O século XIX foi marcado do ponto de vista da intelectualidade brasileira por uma verdadeira "invasão das idéias européias".<sup>10</sup> É certo que desde o início da colonização a cultura européia passou a ser imposta ao Brasil, desde a religião até a maneira de vestir e se comportar, dentre outros. No entanto, é no século XIX que essas idéias não só são trazidas de maneira mais intensa, como tornam-se modismo. Esse fator agravava a recepção exagerada das idéias européias no Brasil, pois, era considerado de bom tom copiar a cultura européia em todos os seus aspectos, desde o modo de vestir, de portar-se, a comida, a bebida e outros vários aspectos que a compõem. No plano das idéias não foi muito diferente, vários ideais<sup>quais?</sup> europeus foram transplantados para o Brasil e se tornaram centrais dentro da vida intelectual brasileira do século XIX. Contudo, essas idéias acabavam por adaptar-se ao ambiente sócio-econômico e intelectual quando aqui chegavam e eram discutidas.

Muitos intelectuais desse período apenas se ocupavam em transferir as idéias européias para o Brasil. Essa transferência na maior parte das vezes pretendia se dar na íntegra, ou seja, sem que houvesse antes uma análise da realidade em que elas seriam encaixadas. Isso provocou uma série de ambigüidades com relação à aplicação dos ideais europeus no Brasil, pois muitas vezes esses ideais não condiziam com as características políticas, econômicas e sociais que marcavam o Brasil do século XIX. Roberto Schwarz citando Sergio Buarque de Holanda a respeito desse assunto, afirmou: "Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão do mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra"<sup>11</sup>.

Um exemplo dessa afirmação é o das idéias liberais que na Europa estavam em pleno uso e que foram incorporadas ao pensamento brasileiro do século XIX, porém não sem que produzissem contradição entre a teoria e a prática em uso no Brasil. A prática em questão trata-se da escravidão que no período constituía uma importante base econômica para o país, uma vez que o escravo representava a principal mão de obra especialmente para

<sup>10</sup> A idéia da "invasão" das novas idéias européias no Brasil é discutida na em SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. p. 01 - 31 e ainda em COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sobre o império*, de p. 323 - 342.

<sup>11</sup> Apud SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. p. 13.

as atividades agrícolas que movimentavam a economia através principalmente das exportações. Dessa forma, certas idéias européias não agradavam aos donos de escravos, de acordo com Schwarz: “[...] com igual fatalidade, esse conjunto ideológico <sup>que ideias?</sup> iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles”<sup>12</sup>. O escravismo ia teoricamente contra as idéias liberais, embora na prática eles tenham convivido por um longo período. Dessa forma, podemos afirmar que o principal traço econômico do Brasil no período ia contra as idéias que vinham da Europa a todo vapor diretamente para o Brasil.

Porém não é correto afirmar que estávamos em atraso com relação à Europa, antes, estávamos inseridos na economia capitalista como dependentes do mercado europeu, portanto, economicamente caminhávamos lado a lado, só que ocupávamos uma posição marginal que acabava nos colocando como “inferiores”. Mesmo indo contra os seus interesses econômicos mais imediatos, a elite acabou por aceitar o conteúdo ideológico que ia contra a escravidão apesar de na prática não estarem dispostos a uma ação rápida e definitiva para acabar com ela. Essas são idéias chamadas por Schwarz de secundárias, pois são aceitas apenas por uma questão de status social, modismo, e não se preocupam com a realidade econômica, política e social do país, não passando sequer disfarçadamente pelas reais condições do mesmo. Dessa forma, podemos perceber que a dependência do Brasil não se deu apenas do ponto de vista econômico, mas também do intelectual, à medida que seguíamos de perto os passos culturais europeus, e muitas vezes não tão de perto, absorvendo idéias que já não se encontravam mais tão em uso no chamado Velho mundo. Na ânsia por igualar-se à Europa, muitas pessoas procuravam decorar suas casas de acordo com o estilo europeu, chegando mesmo ao extremo de procurar recursos artificiais para tanto, como afirma Schwarz:

*“A transformação arquitetônica era superficial. Sobre as paredes de terra, erguidas por escravos, pregavam-se papeis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização. Em certos exemplos, o fingimento atingia o absurdo: pintavam-se motivos arquitetônicos greco-romanos – pilastras arquivadas, colunatas, frisas etc. – com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neoclássica jamais realizável com as técnicas e materiais disponíveis no local. Em*

<sup>12</sup> Ibid. p. 13.

*outros se pintavam janelas nas paredes, com vistas sobre ambientes do Rio de Janeiro, ou da Europa, sugerindo um exterior longínquo, certamente diverso do real, das senzalas, escravos e terreiros de serviço”.*<sup>13</sup>

No entanto, alguns intelectuais não se ocuparam apenas em transplantar as idéias européias, mas procuraram utilizar-se dessas idéias, adaptando-as para que elas ajudassem a buscar respostas para questões sociais e políticas do Brasil. Sobre isso afirmou Cruz Costa a respeito de Silvio Romero, um dos representantes do grupo intelectual que absorvia as idéias européias do final do século XIX: “Não era submisso às idéias; servia-se delas, quer alemães, inglesas ou francesas, quase sempre desordenada e confusamente, para tentar melhor explicar os fenômenos da vida brasileira”<sup>14</sup> Ou seja, na verdade essas idéias serviriam como uma espécie de instrumento para auxiliar na busca de respostas. Dessa forma, os intelectuais, embora não deixassem de trazer as idéias da Europa, estariam ao menos pensando sobre elas de acordo com as necessidades e questões nacionais, o que não os caracterizam como alheios à realidade brasileira.<sup>15</sup>

Durante o século XIX, duas correntes de pensamento se destacaram no Brasil, o ecletismo espiritualista e o positivismo. O ecletismo foi difundido desde a primeira metade do século XIX e se estendeu até o final da segunda metade. Tratava-se de uma espécie de agrupamento de todas as idéias que estavam em discussão. Era uma tentativa de contemporizar as discussões, ou seja, moderadamente cada idéia teria o seu lugar, sem que houvesse grandes críticas a nenhuma delas. Na verdade, o ecletismo veio a calhar como uma solução para a elite que estava à frente do poder, pois dessa forma, as discussões que ameaçavam as antigas certezas ficavam em suspenso, no máximo se aliando às novas idéias. O ecletismo estava assim de acordo com as tendências moderadas da elite no poder. Acerca da conveniência criada entre os ideais do ecletismo e a prática política da elite no Brasil observa João Cruz Costa que:

*“O sucesso do ecletismo – fusão sem método e sem crítica, como dele disse Eisler – consistiu no fato de, a partir de 1830,*

*que idéias estavam em discussão?*

<sup>13</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. p.22.

<sup>14</sup> COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sob o império*. p.341.

<sup>15</sup> A discussão a respeito dessa transferência de idéias da Europa para o Brasil ao longo do século XIX e no início do XX está desenvolvida no texto de Costa, op. cit.

*haver representado num momento de crise das velhas correntes filosóficas e políticas, uma direção conciliadora das opiniões. O ecletismo propunha a todos um tratado de paz".<sup>16</sup>*

A partir da segunda metade do século XIX uma outra corrente de pensamento tomou conta do Brasil, como uma forma de protesto contra o ecletismo, revolucionando o pensamento científico e político do Brasil. A corrente em questão era o positivismo. Essa corrente de pensamento teve grande influência entre os intelectuais brasileiros e foi também produto da importação ideológica Europa-Brasil, apesar de ter assumido no país novas características que o diferenciam do europeu. Nas palavras de João Cruz Costa: "Por volta de 1870 firmaram-se entre as nossas elites, as novas correntes de idéias que já se delineavam desde 1850: o positivismo, o evolucionismo, principais expressões do pensamento filosófico do século passado"<sup>17</sup>.

O positivismo foi na verdade o retrato da tendência cientificista que caracterizou o século XIX especialmente a partir de sua segunda metade e mais ainda em seu final. Poucos foram os intelectuais que aderiram ao positivismo ortodoxo, a grande maioria foi adepta do positivismo difuso, que não se prendia tanto às rígidas regras que compunham o positivismo tradicional.<sup>18</sup> Sobre o maior alcance do positivismo difuso no Brasil, João Costa Cruz afirma que:

*"Maior alcance teve, entre nós, naturalmente, o positivismo difuso ou um certo cientismo que foi, aliás, a característica do espírito do século XIX. O positivismo difuso, com aquele sentido do útil, do imediato, voltado para a ação, foi o que teve vigência positiva no século passado"<sup>19</sup>.*

Aderiram ao positivismo principalmente a burguesia urbana formada por profissionais como médicos e engenheiros, além de vários militares. Esses profissionais em geral advinham de famílias humildes e principalmente os militares, encontravam nas escolas militares a oportunidade de ter acesso à educação e assim ascender social e

<sup>16</sup> COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sob o império*. p.330

<sup>17</sup> *Ibid.* p. 327.

<sup>18</sup> *Ibid.* p. 330. Entendamos como tradicional a corrente positivista com pretensões genuinamente européias, que procurava conservar os fundamentos originais da corrente de pensamento.

<sup>19</sup> *Ibid.* p. 337.

financeiramente. O positivismo revolucionou o pensamento intelectual brasileiro à medida que ia contra a Igreja Católica no momento que propunha explicar cientificamente as questões do dia a dia deixando de lado para essas explicações a teologia católica. De acordo com Cruz Costa: "O positivismo apresentava-se, como se vê, como verdadeira teoria subversiva"<sup>20</sup>.

Na verdade, não foi apenas em termos de cultura e ciência que o positivismo se destacou no Brasil, essa corrente de pensamento teve um alcance muito maior destacando-se, também, no campo da política. Porém o papel atribuído a tais idéias no processo da proclamação da república, é segundo o autor exagerado, uma vez que a maior partes dos positivistas que participaram do movimento acabaram por se afastarem devido a divergências de pensamento. A principal divergência era mesmo quanto à democracia, pois os positivistas não tinham inclinação para ela, eram, portanto, republicanos, mas, não democratas. A respeito do alcance atingido pelo positivismo no Brasil, Cruz Costa escreve: "A primeira obra de divulgação da doutrina positivista aparece assim marcada por uma intenção nacionalista de reforma política. O positivismo surgia, no Brasil como um guia destinado à renovação dos padrões da cultura e da política nacionais"<sup>21</sup>.

No entanto, o positivismo não assumiu no Brasil as mesmas características que apresentou na Europa. Depois de transplantadas para o Brasil, essas idéias manifestaram-se de maneira singular principalmente através do positivismo difuso, que teve maior alcance no país. A proposta dessa ala positivista era a de uma prática mais ativa. Assim, ao invés de se deterem apenas ao estudo das obras centrais do positivismo, esses intelectuais procuravam partir para uma ação direta quanto à mudança da maneira de se ver o mundo e principalmente a ciência e a política. Porém, essa tentativa de ação direta acabava por cair no ridículo, primeiro porque na maior parte das vezes não saía da teoria e segundo, pelas próprias ações exageradas e caricatas de seus representantes, como afirma Schwarz: "A figura caricata do ocidentalizante, francófilo ou germanófilo, de nome freqüentemente alegórico e ridículo, os ideólogos do progresso, do liberalismo, da razão, eram tudo formas de trazer à cena a modernização que acompanha o Capital"<sup>22</sup>. Mesmo assim não podemos deixar de reconhecer a importância adquirida pelas idéias positivistas no sentido da

quem eram  
estes represen-  
tantes?  
De que eles  
pensaram  
s/ o positivis-  
mo  
- nota de re-  
depe- sbe  
o positivismo  
e suas divi-  
soes!  
- difuso  
- ordo

- que obras  
centrais?  
quem eram  
esses intelec-  
tais?

- porque foram  
considerados  
ridiculos?

<sup>20</sup> COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sob o império*. p. 332.

<sup>21</sup> Ibid. p. 332.

<sup>22</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. p. 27.

*O que é o ecletismo espiritualista? ta?*

*que rolê do João Mota? inovadora no séc XIX?*

mudança do pensamento nacional em várias esferas, especialmente no que diz respeito à derrocada das idéias do ecletismo espiritualista e do distanciamento das teorias religiosas que procuravam respostas sobrenaturais para as questões do dia a dia. Segundo Cruz Costa: “Apesar de tudo, é inegável a importância do positivismo, até mesmo do positivismo religioso, no pensamento brasileiro do século XIX, sobretudo quando temos em conta o fato dele se contrapor ao catolicismo e ao espiritualismo eclético então reinantes”<sup>23</sup>.

Todo esse clima de cientificismo, progresso, evolução e modernidade que se transferia para o Brasil interferiam na rotina intelectual do país, não apenas do ponto de vista das ciências naturais e sociais; também a literatura foi influenciada por esses novos ideais. A literatura incorpora as idéias que são reproduzidas na sociedade, pois acaba sempre por ser fruto dela, e dessa forma podemos encontrar, dispersos nos textos literários, dos mais diversos estilos e objetivos, as idéias européias durante o século XIX, mais especificamente da segunda metade desse século até o início do seguinte, corte cronológico que nos interessa no presente trabalho. Nas palavras de Schwarz: “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa para usá-las”<sup>24</sup>. Nas obras literárias podemos encontrar o reflexo das questões que estão presentes na sociedade, mesmo que não percebiam ou não tenham a intenção, os escritores são responsáveis por um grande registro da realidade de seu tempo. Sendo os homens parte da realidade em que vivem, eles absorvem essas questões e as repassam naturalmente para suas obras. Observemos então que: “[...] a matéria do artista mostra assim não ser informe: é historicamente formada, e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existência”<sup>25</sup>.

Vamos agora procurar entender quais as principais características do cenário brasileiro do final do século XIX, que, aliadas às novas idéias que chegavam ao Brasil, como o cientificismo e o positivismo, contribuíram para a formação de uma idéia acerca do sertão e do sertanejo. Idéia essa que foi reproduzida pelos intelectuais do período em suas obras e muitas vezes foi utilizada pelas elites a serviço de seus interesses.

<sup>23</sup> COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sob o império*. p.336.

<sup>24</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. p. 29.

<sup>25</sup> *Ibid.* p. 31.

**3 - BRASILIDADE SERTANEJA:** os prós e os contras da construção da imagem sertaneja.

O novo regime político republicano que se anunciava desde a década de 1870 se encaixava perfeitamente no ambiente ideológico do período, no qual, o progresso seria sem dúvida o principal objetivo da sociedade, apoiada no ideal do cientificismo e trazendo consigo um universo de modernidade e sofisticação, de acordo com o pensamento europeu que invadiu com intensidade a sociedade brasileira do final do século XIX, início do XX. A propaganda republicana trazia consigo a atmosfera do novo e carregava, dessa forma, a esperança de tempos melhores, que incluíssem uma série de reformas, especialmente no que diz respeito aos campos da saúde e da educação. A educação era notadamente, a principal bandeira levantada pelos adeptos da idéia republicana, uma vez que a sua situação no Rio Grande do Norte era extremamente grave.

*↓  
corte radical  
do nacional  
p/ o local*

A situação da educação no estado atraía a atenção daqueles que acreditavam em tempos melhores que viriam com a república. Essa preocupação tinha uma razão especial de ser, baseada na interpretação das idéias evolucionistas do darwinismo social, segundo as quais, o sertanejo, por se tratar de uma raça mestiça, traria consigo uma inferioridade natural em relação às não mestiças. Um dos principais traços dessa inferioridade estaria manifesto na indolência característica do sertanejo, evidenciada na pequena disposição para o trabalho e na dificuldade de reação diante da situação que o enquadrava. No entanto, alguns intelectuais brasileiros, desenvolveram uma espécie de adaptação dessas teorias, segundo a qual, a inferioridade do homem do sertão seria devida ao abandono das autoridades monárquicas competentes em termos de proporcionar as condições adequadas para que essa população pudesse se desenvolver em sua plenitude. Dentre as condições reivindicadas encontra-se com destaque a educação, sem a qual, seria impossível que o homem do sertão acompanhasse os passos do progresso. Dentre os intelectuais que pensaram dessa forma, destacamos Manoel Dantas, defensor, por excelência, das melhorias educacionais necessárias ao estado. Sua idéia central é de que apenas através da educação o sertanejo poderia inserir-se no mundo que se inaugurava final do século XIX. De acordo com ele em 1889:

*Quem formou  
hou este tabore  
do darwinismo  
social a respeito  
do sertanejo  
no Brasil?*

*Quem criou  
esses intelectuais  
no âmbito  
nacional onde  
surge a ideia  
de inserir o  
sertanejo num  
contexto modern  
no?*

*“O sertanejo é ativo e empreendedor, e a indolência ou inércia que as vezes se observa em seu caráter, não destrói o princípio estabelecido; é uma conseqüência da má orientação que tem de sua vitalidade. Dêem-lhe os conhecimentos precisos, ponham-no a par do progresso em suas diversas manifestações e o sertanejo será o modelo típico do povo do trabalho como esse deve sê-lo. Todo nosso mal tem sido não educar o povo por meio de um ensino proveitoso”.*<sup>26</sup>

Assim como a república surgia como sinônimo de modernidade e progresso, esperança de melhoria nas condições de vida das populações, o império passava a incorporar a imagem do atraso, daquilo que era velho, corrompido, desgastado, ou seja, daquilo que não funcionara e que devia ser substituído e esquecido. Logo, no entanto, o sonho de um novo estado, progressista, desenvolvido, moderno e livre de mazelas como a seca, a corrupção, enfim, o atraso econômico habitual em que vivia o Rio Grande do Norte, chegou ao fim, em uma grande decepção para aqueles que realmente acreditavam nas transformações prometidas pela república. Na verdade, as condições socioeconômicas e políticas do estado não proporcionavam condições para a efetivação das transformações desejadas pela população. Contudo, o fracasso inicial da república no sertão foi rapidamente justificado pelas condições naturais da região, a habitual explicação dada para as mazelas sertanejas vinha novamente à tona nesse caso: a seca.<sup>27</sup> De acordo com Almir de Carvalho Bueno, “[...] a expectativa confiante em relação à república tendeu a construir uma imagem bastante idealizada do novo regime, imagem essa que não correspondia à situação econômica e social do pequeno estado nortista, marginal em sua própria região”.<sup>28</sup>

*Como povo por  
aber este fracasso?*

A imagem do sertanejo, portanto, oscilava entre dois extremos, de um lado, a admiração e o romantismo, que o viam como a imagem do brasileiro original, forte e tradicional e de outro, o desmerecimento ocasionado pela inferioridade que era atribuída a este. Na verdade, salvo alguns intelectuais que atribuíam à omissão das autoridades

*Que intelectuais?*

<sup>26</sup> Apud BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República*. p. 34.

<sup>27</sup> A situação do estado na Primeira República era agravada pelo atraso econômico e especialmente as relações sociais baseadas no compadrio, relação de dependência normalmente entre patrão e empregado, segundo a qual, o patrão tem o dever de manter seus protegidos, enquanto estes, dão o apoio básico para que aqueles se mantenham no poder: o voto garantido. O compadrio colaborava para a manutenção da estrutura de poder em vigor.

<sup>28</sup> BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República*. p. 28.

competentes os desmandos realizados no Rio Grande do Norte (em especial no interior do Estado), a maior parte dos intelectuais atribuíam à indolência e ao desinteresse do povo pela busca de melhores condições de vida tais mazelas. Mais uma vez se procurava um “bode expiatório” para o abandono que já havia virado prática quando o tema era a região norte em geral e mais especificamente, o Rio Grande do Norte, já que este era um dos mais desestruturados estados da região em vários aspectos (dentre eles a educação e a saúde). Nesse caso, portanto, a suposta inferioridade mestiça proclamada pelo darwinismo social, encaixava-se perfeitamente na explicação do atraso geral que acometia o Estado em fins do século XIX e início do XX. Na verdade, “o sertanejo, já com dificuldades imensas de sobrevivência num meio hostil, ainda se via às voltas com os preconceitos da elite letrada”.<sup>29</sup>

*Que determi-  
nação política  
os levam a  
procurar estes  
desmandos?*

No início do século XX, principalmente na década de 1920, o discurso regionalista tomou conta do país e trouxe consigo a necessidade da formulação de uma identidade regional, que fosse capaz de definir o que é “ser nordestino”, e, ainda, que cumprisse o papel de despertar o “orgulho de ser nordestino”. Durval Muniz de Albuquerque define assim seu trabalho - *O Engenho Anti – Moderno*: “[...] ele busca pensar o Nordeste como uma identidade espacial construída em um preciso momento histórico, final da primeira década desse século e na segunda década, como produto do entrecruzamento das práticas e discursos regionalistas”.<sup>30</sup>

O regionalismo foi assumido pelos intelectuais desse período como um programa a ser cumprido em suas obras. Através desse programa o meio rural ganhou destaque, transformando-se num tema interessante a ser desenvolvido. Os regionalistas procuraram construir uma figuração romântica da vida rústica, buscando compreender humanamente o homem do sertão que habitava a província. O regionalismo surgiu, ainda, como uma reação às influências européias que ditavam as regras, intelectualmente falando, não apenas na literatura, mas, também, nas mais diversas áreas do ambiente cultural brasileiro. Sobre o regionalismo, Alfredo Bosi afirma que “o projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio a descrever: no que aprofundavam a linha realista estendendo-a para a compreensão de ambientes rurais ainda virgens para a nossa ficção”.<sup>31</sup> (grifo do autor). O

<sup>29</sup> Ibid. p. 36.

<sup>30</sup> Ibid. p. 5.

<sup>31</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. p. 207.

grande esforço regionalista estava em procurar manter-se em sintonia com os rumos da cultura européia, sem, no entanto, perder-se do sentido de ser brasileiro e da cultura que lhe é peculiar. Esse esforço ocasionou a produção de um estilo de caráter dúplice, porém de grande valor e originalidade.<sup>32</sup>

É no início da segunda década do século XX que ocorre a dissociação entre norte e nordeste antes encarados como uma só região e agora vistos como espaços de diferentes características culturais, daí a necessidade em definir o que seria propriamente o Nordeste. Esse período também marca uma série de transformações no cenário nacional, provocadas principalmente pelo fim da escravidão e a proclamação da república. Esses eventos foram definitivos para a decadência experimentada pelo Nordeste após séculos de hegemonia econômica e política. Na tentativa de reverter esse quadro a elite nordestina que se sentia prejudicada pelo esquecimento da região por parte das autoridades nacionais, procurou recuperar a atenção perdida através da divulgação de uma determinada imagem do nordeste. Essa imagem transparecia uma região pobre e carente de recursos que pudessem amenizar o sofrimento do povo, que padecia principalmente do problema da seca. Assim, a imagem de um povo, que procurava despertar a compaixão do país, foi construída por essa elite através de um aparato cultural que envolveu profundamente a literatura, por meio da atuação de intelectuais locais. Como afirma Durval Muniz de Albuquerque:

*"A elaboração da região se dá, no entanto, no plano cultural, mais do que no político. Para isso contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa 'elite regional' desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, a 'docilidade' da senzala, a 'paz e estabilidade' do Império".*<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Os primeiros escritores regionalistas de destaque no Brasil e suas obras foram: Afonso Arinos (Pelo Sertão) e Valdomiro Silveira (Os Caboclos). Afonso Arinos assumiu um estilo descritivo, comprometido com o realismo. Desenvolveu um regionalismo influenciado pelas formas parnasianas, no entanto, não perdendo seu eixo central regionalista através da descrição detalhada do sertão, em busca da idéia exata do ambiente sertanejo. Valdomiro Silveira caracteriza-se pelo uso intenso da fala regional, baseada no vocabulário dos homens do interior e pela presença constante dos elementos gerais desse meio. Durval Muniz de Albuquerque discute essa questão em sua obra *O Engenho anti-moderno*.

<sup>33</sup> Ibid. p. 18.

Essa mesma elite intelectual tratou de construir ainda uma outra imagem do nordeste, esta sim mais ligada ao homem do sertão em si. De acordo com essa outra imagem, era no nordeste que se encontrava a figura do brasileiro nato, o sertanejo. Esse homem seria um misto de ingenuidade, honestidade, simplicidade e força, que caracterizaria uma espécie de identidade brasileira original. Junto com essa imagem, vem à tona, portanto, um sentimento de saudade do passado, quando o nordeste estava em evidência econômica, política e social no país. “O Nordeste é gestado como o espaço da saudade dos tempos de glória, saudades do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulo, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região”.<sup>34</sup>

O sertão esteve presente em grande quantidade de obras de fins do século XIX, preocupados com a construção de uma identidade nacional que fosse capaz de descrever o brasileiro nato. Para esse fim, a intelectualidade recorreu à imagem do sertanejo como sendo a representação mais fiel do verdadeiro brasileiro. Os intelectuais brasileiros procuraram elaborar um corpo de características que pudessem descrever o Brasil, para tanto lançaram mão de recursos como o da Geografia, História, Folclore e Literatura. Como afirmou Isabel Cristina Martins Guillen, “quando se tratou de buscar uma essência da brasilidade, inquestionavelmente o sertão foi a ela associado, e aparece como uma idéia tão antiga quanto a própria nação”.<sup>35</sup> Essa imagem do sertão como a região raiz do Brasil e do sertanejo como seu representante nato, foi socialmente difundida através de uma série de artifícios simbólicos e ideológicos incorporados pela nação por diversos meios, dentre eles a literatura. Essa última não está à parte da sociedade, ao contrário, ela reflete a realidade social que aparece manifesta das mais diversas formas nos textos, de acordo com o enfoque que cada autor pretendeu dar a essas questões. Como afirma Guillen: “Materializado, portanto, em imagens e representações diversas, sertão ‘remete imediatamente à percepção de que se trata de alguma coisa íntima, de raiz, genuína e autêntica, ou seja, algo realmente brasileiro’”.<sup>36</sup>

Primeiramente, é importante termos em mente, que “sertão” era uma denominação que desde o início da colonização brasileira esteve associada a toda a região interior do

<sup>34</sup> Ibid. p. 18.

<sup>35</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. P. 106.

<sup>36</sup> Ibid. p. 106.

*que obras  
de intelectuais*

país, não estando especificamente ligada à região Nordeste. Essa associação sertão – Nordeste só vai ser delineada nas primeiras décadas do século XX. A conquista do interior do país representou para o Brasil uma condição indispensável para a difícil tarefa da unificação do imenso território nacional. A grande extensão territorial brasileira e sua unidade representada pela conquista do interior, ou seja, do sertão, foi freqüentemente levantada quando se tratou da construção de uma identidade nacional baseada no orgulho de ser brasileiro. De acordo com Guillen: “O espaço, a territorialidade, a natureza constituem elementos dos quais muitos autores não puderam prescindir quando trataram de buscar definir a identidade nacional, sendo ainda contemporaneamente apontados como motivo de orgulho de ser brasileiro”.<sup>37</sup>

Porém não só imagens positivas foram atribuídas ao sertão, na verdade muitas associações negativas foram formuladas a respeito dessa região, principalmente ligadas a miséria, onde a vida seria extremamente dura, dificultada pelas condições naturais e pela escassez populacional. É, revestido de uma imagem de heroísmo que o sertanejo surge como símbolo do Brasil, sendo essa característica assumida como brasileira.

*“Assim como a natureza foi apresentada ora com atributos paradisíacos, ora como infernal, também ao sertão atribuíram-se qualidades positivas e negativas. Ao mesmo tempo em que é apresentado como um lugar inóspito, onde a vida é difícil porque se trata de terra pouco povoada, agreste, é entretanto habitada por gente brava e destemida: o heróico sertanejo.”*<sup>38</sup>

O sertanejo passou a representar segundo Isabel Cristina Martins, o “outro” da nação, ou seja, aquele que não se conhece. O brasileiro conhecido trata-se do litorâneo, aquele influenciado pelas idéias européias, pela modernidade e cada vez mais distanciado de sua essência mais pura. O sertanejo seria aquele que se preservou das mudanças da modernidade, mas que, no entanto, não se conhece. Seria preciso, então, penetrar mais fundo no universo sertanejo para encontrar neste as raízes brasileiras. E assim cada vez mais “o outro da nação, o sertanejo, o rude e forte, tornava-se presente”.<sup>39</sup>

Embora possa parecer que o sertanejo tenha sido privilegiado por ter sua imagem associada à do verdadeiro brasileiro, na realidade essa associação não foi assim tão positiva

<sup>37</sup> Ibid. p. 107.

<sup>38</sup> Ibid. p. 108.

<sup>39</sup> Ibid. p. 108.

para o homem do sertão. Ao mesmo tempo em que o sertanejo foi considerado um forte, uma espécie de guardião das características essenciais da brasilidade, ele foi freqüentemente retratado como a parte atrasada da população, aqueles que pararam no tempo e que, portanto, teriam estagnado na evolução natural da sociedade. Essa inferioridade foi intimamente relacionada pelos intelectuais que se ocuparam desse assunto, à questão da raça. Dessa forma, a imagem de atraso que foi, e ainda hoje é, atribuída ao sertanejo teria razão na inferioridade do mestiço. A mistura de raça ocasionara um ser humano inferior. Forte sim e resistente, mas incapaz de acompanhar a evolução dos tempos, longe em demasia do progresso que todos assumiam como objetivo central em finais do século XIX e início do XX, fruto das teorias européias difundidas pelos intelectuais brasileiros.

*Pergunto mais  
uma vez que  
intelectuais?*

*“Na relação que se estabelece entre o espaço geográfico e o homem que o habita podem-se identificar duas perspectivas que centram o foco nas contribuições do sertão para a construção de nacionalidade. Uma perspectiva romântica buscou construir uma imagem do sertanejo como símbolo da nacionalidade, enquanto uma perspectiva realista preocupava-se com as contribuições desse homem sertanejo, pois suspeitava-se que não conseguiria sustentar os alicerces da nacionalidade na medida em que era o fruto de uma miscigenação e, conforme se acreditava na época, portador de uma degeneração racial”.<sup>40</sup>*

Um dos principais intelectuais envolvidos com a problemática do sertão no início do século XX é Capistrano de Abreu. A respeito do sertão nordestino ele relaciona o povoamento como estando extremamente ligado à criação de gado. Essa atividade teria ditado as regras da formação de uma cultura tradicional, de costumes e material, criando uma espécie de sociedade do couro. O sertanejo, portanto, teria formado uma organização que podemos considerar a parte das outras regiões do país. O isolamento territorial haveria produzido esse fenômeno, que desencadeou na construção de uma ética moral própria, revestida de uma série de códigos de honra que não deixavam de representar o sertanejo em sua essência. Essa maneira própria de se organizar caracterizou, ainda, um ponto importante para a sua absorção como símbolo nacional, o maior distanciamento com

<sup>40</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. p. 106.

relação a Portugal, uma vez que assim como a cultura europeia, suas leis também não obtinham larga repercussão em terras sertanejas. Ao não aceitarem as imposições do império, preferindo basear-se em valores morais locais, o sertanejo dava provas do surgimento de uma primeira consciência nacional, ainda insipiente é verdade, mas que serviria de exemplo de brasilidade para o restante do país. Segundo Isabel Cristina Guillen: “Eis o traço marcante dessa sociedade sertaneja: desafio às autoridades e às leis, gestado pelo ‘sentimento de orgulho’ inspirado pela riqueza, pelo ‘afastamento de autoridades’ eficazes e pela ‘impunidade’ [...] foi, portanto, no ambiente sertanejo, enfrentando diferentes adversidades, que nasceram os brasileiros originais, sustentáculo de uma primeira consciência nacional”.<sup>41</sup>

Não poderíamos deixar de mencionar a principal adversidade natural enfrentada pelos sertanejos e associada diretamente ao sertão, a seca. Esse fenômeno tem sido largamente relacionado com o Nordeste, e mais ainda com o sertão, conhecido historicamente como sendo um ambiente inóspito, principalmente quando o sertão em questão é o nordestino.

Quando a região Nordeste veio à tona como uma região à parte da que em que genericamente fora incluída (região Norte), ela já se destacou como ligada à seca, seria, portanto, “a região da seca”. O fenômeno revelou-se então como a marca principal da região, uma espécie de identidade cultural, que foi incorporada não apenas em teoria, mas na prática, por meio de um imaginário popular e de uma cultura material específicas à seca. De acordo com Nara Maria de Maia Antunes:

*“A identificação entre seca e Nordeste é perfeitamente natural e compreensível, pois a seca foi a matriz, a ‘mãe’ da região, aquilo que, desde o início (finais do século passado) lhe conferiu uma identidade própria. Em torno de um fenômeno climático – falta ou irregularidade de chuva – foi-se criando e aprofundando uma ‘significação imaginária’ [...]”*<sup>42</sup>

Na verdade, a seca tem sido utilizada como justificativa para a manutenção de uma estrutura social injusta baseada na exploração e na miséria. A pobreza freqüentemente

<sup>41</sup> Ibid. p. 120 – 121.

<sup>42</sup> ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. p. 125.

relacionada à região tem, portanto, certas causas práticas e concretas, causas sociais e políticas que, no entanto, são mascaradas por aqueles que estão à frente dessa exploração, através da justificativa da seca. Segundo essa justificativa, a estiagem, fenômeno natural, e, portanto, fora do controle do homem, seria a causadora da miséria da região nordeste, mais especificamente, do sertão, uma das regiões mais atingidas pela estiagem. À justificativa natural, é, freqüentemente acrescida a religiosa, segundo a qual, as dificuldades enfrentadas seriam fruto dos desígnios divinos, como uma espécie de castigo, para pagar os pecados do povo. Ambas as justificativas, natural e religiosa, estão baseadas em um princípio fundamental que nos ajuda a compreender sua escolha para a explicação da pobreza nordestina: a incapacidade de mudança. Afinal, que providências poderiam ser tomadas ante a força da natureza e mais ainda, ante os desígnios divinos? Como afirma Nara Maria de Maia Antunes: “em outras palavras, os nordestinos tendem a atribuir à Natureza ou a Deus a responsabilidade pelos graves problemas da região, tornando, assim, seu mundo social, uma realidade *dada* e, portanto, imutável (ou, se mutável, não depende dele, mas de Outro)”.<sup>43</sup> Dessa forma, os poderosos se eximem da obrigação de buscar soluções para a questão e a população sente-se imobilizada, impossibilitada de tomar qualquer posição que seja no sentido de reverter o quadro social em que estão inseridos. Assim sendo, a indolência e a acomodação aferidas ao sertanejo nas palavras dos intelectuais vêm em grande parte dessa política de desânimo que vem sendo praticada pelas elites que dominam o poder no nordeste e que têm por interesse a manutenção da ordem em vigor.

*“Assim sendo, constatamos que as ‘caras’ do Nordeste aqui analisadas são construções simbólicas historicamente concretizadas que deixam transparecer o jogo de interesses (de poder) subjacente a elas. Não se pode entender o agir social (ou não-agir social) do nordestino sem compreender essa força simbólica que o orienta e explica”.*<sup>44</sup>

Devemos ter em mente que tudo que se tem escrito a respeito do sertão e do sertanejo, é na verdade uma interpretação que é dada de acordo com os interesses de quem detém o poder de escrever as “verdades”, ou seja, a elite intelectual, que se apropria da figura do sertanejo, ora para exaltá-la como a imagem do brasileiro nato, ora para

<sup>43</sup> Ibid. p. 126.

<sup>44</sup> Ibid. p. 127.

desqualificá-la como atrasado, indolente e racialmente inferior. São imagens construídas social e historicamente, que podem mudar com o tempo, de acordo com os interesses daqueles que as ditam.<sup>45</sup> Lembremos que para desempenhar o papel de difundir o pensamento social construído em uma época, um excelente instrumento é a literatura que acaba por retratar a realidade social da época em que está inserida, sendo possível perceber nos textos as principais características sociais e culturais em andamento na sociedade do período. As obras literárias podem ainda ser palco de uma denúncia social, ou seja, podem servir como meio de transparecer a verdade e não apenas aquilo que alguém elegeu como verdade por um motivo ou outro e assim contribuir para uma tentativa de mudar as estruturas que permanecem explorando os mais desfavorecidos. Para esse fim, os autores utilizam-se de uma série de artifícios técnicos que despertam a atenção dos leitores para aquilo que se pretende mostrar, porém esses artifícios não estão em questão no presente estudo. É claro que por si só os textos literários não têm o poder de transformar a realidade social, mas eles servem como elemento para que cada vez mais pessoas possam atentar para os fatos e refletir sobre eles.

Tendo por base a situação da intelectualidade brasileira do final do século XIX é que vamos, a partir de agora, passar a analisar a imagem construída por Manoel Dantas em seus textos, a respeito do sertão e do sertanejo. Os textos de Dantas representam ótimas fontes para a análise do pensamento norte-rio-grandense inserido no universo intelectual brasileiro e europeu do período.

<sup>45</sup> Essa é uma observação que não procede apenas em relação ao que é dito a respeito do sertão e do sertanejo, mas, ao contrário, diz respeito a toda e qualquer interpretação que se faça de qualquer que seja o objeto em estudo.

*de onde  
vem este  
argumento?*

#### 4 - MANOEL DANTAS: um sertanejo progressista.

Manoel Dantas, um dos intelectuais de maior destaque no Rio Grande do Norte entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, nasceu em 26 de abril de 1867 em Caicó, atuando em várias áreas da vida cultural e política do Estado. Sua formação acadêmica era em Direito, porém não se restringiu a essa área, foi político, folclorista (sendo um dos pioneiros nesse estudo) e jornalista, atividade na qual se destacou, especialmente por ter dirigido o jornal *A República*, órgão do PRF no Estado, além de ter ainda escrito na juventude para o jornal *O Povo*, de Caicó, cidade onde nasceu.

Veríssimo de Melo traçou um perfil de Manoel Dantas, baseado nas descrições feitas por Juvenal Lamartine a respeito dele.<sup>46</sup> A partir dessas informações, Melo montou um quadro idealizado descrevendo-o como um homem bom e generoso, que não se importava em ajudar os outros, mesmo que em virtude disso se esquecesse de si e de sua família. Bem humorado, seria ainda dono de uma grande força de vontade, características que podem explicar sua dedicação ao trabalho como jornalista e sua presença constante nas discussões intelectuais de seu tempo, além da irreverência com a qual expunha suas idéias, utilizando-se, por exemplo, de histórias engraçadas do sertão, para descrever os costumes praticados nessa região.

Manoel Dantas preocupou-se muito com a educação a que tinham acesso os noroeste-grandenses. A situação do sistema educacional no Rio Grande do Norte não era das melhores em fins do século XIX e Dantas foi grande defensor da idéia de que apenas através da educação, é que o estado poderia dar passos rumo a um maior desenvolvimento econômico e intelectual, uma vez que, tendo acesso à educação, o homem do sertão poderia livrar-se da atmosfera de inércia que o cercava e que para Dantas era justamente uma consequência da má administração da educação no estado.<sup>47</sup> Manoel Dantas exerceu, ainda, o cargo de Diretor da Instrução Pública do Rio Grande do Norte, procurando empreender projetos que ajudassem o homem do campo a obter conhecimentos a respeito do ambiente que o cercava para, dessa forma, amenizar as más condições em que viviam os sertanejos.

<sup>46</sup> MELO, Veríssimo de. *Patronos e acadêmicos*. p. 154-158.

<sup>47</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó*. p.139.

Dentre esses projetos, destacamos o ensino profissional agrícola no estado, através do qual procurou difundir a prática de técnicas como a lavoura mecânica, seleção de sementes, adubação das terras, rotação e mecanização das lavouras.

Quando a questão é estudar algo a respeito das obras de Manoel Dantas, não podemos deixar de recorrer à coletânea de crônicas publicadas no ano de 1898 em *A República*, reunidos sob o título *Homens de outrora*. Outra fonte importante para o estudo sobre ele é a conferência proferida em 1909 no salão de honra do Palácio do Governo, intitulada de *Natal daqui a cinquenta anos*, na qual, com bom humor, procurou fazer previsões sobre o futuro da cidade, algumas das quais viriam realmente a se realizar (como por exemplo, a chegada da televisão, que ele descrevia como uma espécie de fotografia à distancia).<sup>48</sup> O intelectual estudou os costumes locais, principalmente do sertão e procurou resgatar as tradições do Estado, como superstições, crenças e lendas, procurando divulgá-las na imprensa, para que o maior número de pessoas pudesse ter conhecimento sobre esses costumes. Todavia, tais conhecimentos, para Dantas, deveriam servir como fonte de memória viva das tradições mais antigas, mas, no entanto, não deveriam despertar o conservadorismo, sentimento que impediria o povo de rumar em direção ao progresso.

Manoel Dantas fez parte de uma geração de intelectuais que buscou construir uma imagem do Brasil e mais especificamente de suas regiões. No Rio Grande do Norte, ele foi sem dúvida um dos maiores representantes desse grupo, buscando nas raízes potiguares as características centrais que oferecessem subsídios para a formação dessa identidade norte-rio-grandense, ou melhor, sertaneja. O sertanejo foi, assim, eleito como símbolo do brasileiro típico devido à conservação de suas raízes culturais mais tradicionais. Porém, Dantas não tratou apenas do resgate e exaltação desses valores, ao contrário, ele procurou também, nesse conservadorismo sertanejo, as razões que justificavam sua não inserção na modernidade.

Muitas imagens foram construídas nacionalmente pelas elites intelectuais do país acerca do sertanejo, uma delas é a do homem forte, o guerreiro que não se deixa vencer por nenhum obstáculo e sempre sobrevive. No entanto, devemos ter em mente que a formação de um discurso a respeito do que quer que seja, esconde sempre interesses de alguma ordem

---

<sup>48</sup> Discutiremos melhor as idéias desenvolvidas por Manoel Dantas nessa conferência, mais a diante, nas páginas 36 e 37.

que vêm à tona nas entrelinhas dessas falas<sup>49</sup>. Um dos pontos que contribuíram para a formação da imagem de um homem sertanejo forte, um verdadeiro guerreiro corajoso, como argumenta Muirakytan Kennedy de Macedo, foi a velha disputa pelo poder engendrada entre as elites do litoral e do interior.<sup>50</sup> Essa disputa provocou a necessidade da construção de uma imagem que exaltasse o homem do sertão, destacando suas qualidades e forjando um discurso que apoiado em bases teóricas expusesse a superioridade sertaneja diante do homem do litoral. A construção dessa imagem proporcionaria, ainda, a união dos sertanejos em torno de uma identidade comum, que seria formulada através da reunião de uma série de costumes e posturas que comporiam a prática social da região.

As peculiaridades inerentes ao caráter sertanejo teriam sua origem ligada principalmente ao ambiente em que se insere o homem do sertão, ou seja, a seca seria responsável por várias características que constituiriam “o sertanejo”. Para conviver com ela, o homem do sertão teria aprendido a lidar com os seus limites, tornando-se um forte e adaptando-se ao meio com criatividade. Seria, ainda, um homem honesto que, apegado às tradições, colocaria sua honra acima de tudo. A partir de todo esse conjunto de valores é que se formou a imagem do sertanejo guerreiro que resistiria com sucesso a qualquer inimigo. De acordo com Muirakytan de Macedo, “elaborou-se uma imagem do homem sertanejo cuja temperança ‘enérgica’ e ‘firme’ era moldada pelo meio. Segundo esse raciocínio, se conseguiu resistir à natureza rude ele não esmoreceria diante qualquer ameaça”.<sup>51</sup>

No entanto, todos esses valores e tradições antigas foram interpretados de forma dúbia por intelectuais do final do século XIX, entre eles Manoel Dantas, que escreveu uma série de artigos no jornal “*O Povo*”, de Caicó, nos quais tratou do modo de vida do sertanejo e procurou detectar nesse estilo de vida as características que impediam a aceitação dos novos costumes, das novidades e enfim, do progresso. Dessa forma, o tradicionalismo revelava, na interpretação de Dantas, feições negativas, ao menos no que diz respeito à busca pelo progresso. Como ele afirma, as tradições antigas têm seu valor “mas também são valores que, dependendo do sentido e fins que se quer, voltam-se contra

<sup>49</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz de. *O engenho anti-moderno*. p. 18.

<sup>50</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó*. p. 111.

<sup>51</sup> *Ibid.* p. 112.

ele [o sertanejo] mesmo, transformando todas essas qualidades em empecilho, no obstáculo pesado que suas tradições carregam ao obstruir o desabrochar do progresso regional".<sup>52</sup>

Na verdade, as visões que se formaram do sertanejo a partir da segunda metade do século XIX e início do XX oscilaram entre a do homem forte, honesto e corajoso, o homem tradicional, símbolo do brasileiro genuíno, e a do homem atrasado, aquele preso ao passado e resistente às mudanças que poderiam trazer a modernidade aclamada na Europa e absorvida pelo Brasil especialmente através da Faculdade de Direito de Recife, onde se formou a maior parte da elite intelectual do Rio Grande do Norte, inclusive Manoel Dantas. Através da aceitação da modernidade é que o sertanejo poderia trilhar o caminho do progresso inserindo-se socialmente e abandonando o estado de letargia que o caracterizava. Foi através da Faculdade de Direito de Recife que os intelectuais locais tiveram acesso às correntes de pensamento européias que chegavam com toda força ao Brasil revestidas por uma atmosfera de modernidade e progresso. Desses ideais podemos destacar o positivismo e o evolucionismo, em seu componente darwinista social, que tiveram um maior destaque no ambiente intelectual brasileiro. Apoiada nesses pensamentos, a elite do país esteve disposta a formular uma identidade brasileira e, por conseguinte, o movimento se repetiu regionalmente, ou seja, era a vez das regiões buscarem também a sua própria identidade. É justamente quando surge com vigor o "regionalismo" procurando reunir as principais características do povo de cada região, dando destaque ainda à história e à geografia do lugar.

As discussões que permearam o final do século XIX em torno do progresso e da modernidade, no entanto, não atingiam toda a população, mas apenas um seletivo grupo de intelectuais, que discutia o assunto e transmitia suas opiniões por meio de sua produção cultural. De acordo com João Cruz Costa, as principais correntes de pensamento que permearam essas discussões foram os já mencionados positivismo e o evolucionismo, que se consolidaram como correntes que marcaram intensamente o pensamento do século XIX.<sup>53</sup> Porém, a população, na verdade, apenas absorvia aquilo que era difundido pela elite, de acordo com os interesses desta. A precariedade da educação no estado contribuía para esse estado de ignorância da população quanto ao pensamento moderno do período, uma

*Qual era a proposta educacional repensada da modernidade? ou que era proposta pelos positivistas?*

<sup>52</sup> Ibid. p. 113.

<sup>53</sup> COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro sob o império*. p. 330

vez que a falta de escolaridade afastava o povo comum das rodas de discussões intelectuais. Como afirma Macêdo: “[...] a idéia de uma época científica apontada pelos comteanos, passava ao largo do imaginário da ampla maioria da sociedade brasileira, cujo baixo nível de escolaridade toldava a compreensão de tal debate”.<sup>54</sup>

Em 1889 Manoel Dantas publicou uma série de artigos no jornal dos liberais de Caicó, *O Povo*, nos quais teceu uma série de comentários a respeito do sertão, do sertanejo e de seus problemas. Dantas analisou a situação sertaneja e procurou dar explicações para o atraso econômico e social que a caracterizava. A justificativa central para esse atraso era em geral atribuída a uma suposta inferioridade sertaneja decorrente de sua condição mestiça. No entanto, Manoel Dantas apresentava uma explicação um pouco diferenciada. Para ele, a inferioridade sertaneja advinha da falta de um sistema educativo que funcionasse, formando cidadãos conscientes de seus direitos e mentalmente abertos às novas tendências da modernidade, ou seja, desprendidos das tradições e adaptados às novas características impostas pelo progresso.

*“Dantas [...] seguiu obstinadamente uma fé pedagógica nas luzes da razão, acreditando que a razão, acreditando que a ciência e o pensamento modernos deveriam intervir no curso da história, organizando a vida humana, impondo padrões adequados e civilizados de sociabilidade. Acreditava no papel educador que as instituições culturais haveriam de assumir em vista da educação patriótica e civilizada do povo. Apesar das dificuldades inerentes ao atraso brasileiro, Manoel Dantas considerava a escola e a imprensa como os veículos estrategicamente ideais para convencer e seduzir a população para o processo de modernização e de republicanização”*<sup>55</sup>.

Para Manoel Dantas o que impedia o sertanejo de inserir-se melhor em seu tempo absorvendo as mudanças e progredindo juntamente com a sociedade em geral era a dificuldade que o homem do sertão expressava em desligar-se das antigas tradições e adaptar-se à modernidade, ou seja, às novas formas de pensamento e de ação. Dantas procurou, portanto, explicar a resistência do sertanejo à modernidade através desse apego às tradições, que apesar de louvável, era também prejudicial, justamente por estagnar a “linha

Já citou na página 28

Já citou na p. 26

<sup>54</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó*. p. 123.

<sup>55</sup> *Ibid.* p. 16.

evolutiva do progresso". No sentido de sua interpretação acerca do sertanejo, Manoel Dantas demonstra estar a par das idéias européias, principalmente as do darwinismo social, uma vez que reconhece que o sertanejo realmente não está inserido na sociedade "moderna" que se intentava implantar, demonstrando assim um atraso, uma certa inferioridade em relação a outras sociedades. No entanto, Dantas se diferencia ao acreditar que essa deficiência apresentada pelo sertanejo não é irreversível, ou genética. O autor procura difundir a idéia de que essa inferioridade é provocada essencialmente pela precariedade do sistema educativo estadual o qual não atendia às necessidades intelectuais da população, pelo contrário, atuava precariamente e não possuía um método que estimulasse as pessoas a se interessarem pela atividade intelectual. Esse estado de ignorância seria uma espécie de estado de latência plenamente reversível pelo caminho da educação. De acordo com ele, "o indivíduo ou a sociedade, tal como determinados seres vivos, podiam permanecer em estado de latência sem atentarem que seu destino era o desenvolvimento, o progresso"<sup>56</sup>

Tomando como base a dificuldade do sertanejo em aceitar as práticas que vão de encontro à sua cultura tradicional, Manoel Dantas reconhece a mulher como sendo um agente facilitador da quebra desse bloqueio. A mulher, de acordo com Dantas, seria mais afeita a novidades, absorvendo mais facilmente as mudanças do dia a dia. Ela, portanto, seria a responsável por transmitir essas inovações ao marido e principalmente aos filhos. Era exatamente junto aos filhos que o papel da mulher se intensificava através da figura da mãe educadora, formadora de cidadãos. É importante, no entanto, compreender que apesar de desempenhar um papel inovador, mesmo rompendo em casa com determinadas tradições, a mulher não abandonava a sua posição de submissão, tendo seu espaço restrito ao ambiente da casa.<sup>57</sup> Assim, Dantas afirmava:

*"Em suma, a missão da mulher sertaneja era tornar possível a transformação que o homem necessitava para que pudesse se amoldar às novidades. Novos costumes que o levariam à superação do estágio rotineiro que o encarcerava [...] O que persiste, na leitura da mulher que faz Manoel Dantas, é a*

<sup>56</sup> Ibid. p. 129.

<sup>57</sup> De acordo com Muirakytan Macedo essa maneira de enxergar a mulher é oriunda do século XVIII. p. 133.

*representação da mãe formadora de cidadãos – não sendo ela própria cidadã – [...]”<sup>58</sup>*

Para Manoel Dantas, portanto, era necessário que o sertanejo deixasse para trás a história de que tanto se orgulhava para entregar-se às promessas de um futuro progressista. Enquanto ele estivesse voltado para o passado, para as tradições antigas, não conseguiria romper com o atraso que o inferiorizava e nem reconheceria o valor da modernidade na nova sociedade, excluindo-se desta. Os antepassados deviam sim, ser lembrados com orgulho, por tudo o que representaram para a cultura sertaneja, todavia, não deveriam ser tomados como exemplo para a vivência dos problemas, pois a época era outra, as necessidades haviam se transformado, e também novas soluções surgiam e poderiam ser aplicadas para uma melhor convivência com as situações adversas que se apresentavam no dia a dia do sertão, como afirmava Macedo:

*“Era preciso negar o passado para que a história desse passagem ao seu caminho de liberdade rumo ao futuro sempre mais alvissareiro. O sertanejo estava preso nas redes desse passado com sua rotina de preconceitos e superstições. São esses elementos que ele precisava esquecer [...]. O pequeno mundo do sertanejo necessitava ser demolido, porquanto até ele merece ser atrelado à lei imperativa e universal do progresso”<sup>59</sup>.*

Duas seriam as principais dimensões da vida do homem, de acordo com Manoel Dantas, a do trabalho e o do intelecto. De acordo com ele, o ideal seria que houvesse um equilíbrio entre essas duas dimensões, pois só assim é que se conseguiria progredir satisfatoriamente. O sertanejo, segundo Dantas, colocava em primeiro lugar a dimensão do trabalho, que se ligava às antigas tradições, e desprezava a do intelecto, situação que era agravada pelas péssimas condições da educação pública no Brasil do século XIX, situação essa, que vinha a piorar no Nordeste do país e era gravíssima no Rio Grande do Norte. Segundo Macedo,

*“Para Manoel Dantas, o homem era incompleto se não possuía as duas dimensões que o faziam ativo perante a natureza [...]. Assim sendo, nada podia superar a estagnação sertaneja que não as luzes da razão, fornecidas pela instrução pública. Somente*

<sup>58</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. A penúltima versão do seridó. p. 133.

<sup>59</sup> Ibid. p. 135 – 136.

*a indústria, a vida intelectual, elevaria o homem acima da natureza, na qual se ele permanecer, somente com sua rotina cíclica, não se realizaria plenamente”.*<sup>60</sup>

Em sua obra *Homens de outrora*, publicada em 1941 mais especificamente nos capítulos chamados “Homens de outrora” e “O problema das secas”, Manoel Dantas apresenta um panorama a respeito da imagem do sertanejo do final do século XIX e início do XX. Ao descrever no primeiro capítulo histórias que se contam no sertão a respeito de homens que se destacaram, seja por grandes feitos de generosidade, ou pela peculiaridade de suas ações, seus costumes, sua maneira de encarar a vida do sertão, Manoel Dantas demonstra a sua visão acerca do sertanejo, e deixa transparecer ainda o pensamento a respeito da vida no sertão e dos progressos que lentamente vão chegando a essa região.

Para o autor, o sertanejo consiste em um homem forte, que retira sua força sabedoria das próprias adversidades a que está submetido. O problema da seca, tão discutido quando o assunto é sertão, é também abordado por Manoel Dantas, que, no entanto, propõe uma nova visão a respeito da questão:

*“Ora, assentado que tudo quanto se faça para acabar com a seca será inútil, porque não se mudam as leis da natureza, o melhor é aceitarmos o fenômeno como peculiar ao solo e tratarmos de aproveitar os meios naturalmente indicados para prevenir os seus efeitos”.*<sup>61</sup>

Ao invés de apenas lamentar as mazelas trazidas pela seca e tecer reclamações sobre a falta de empenho dos governantes na solução do problema, o autor procura mostrar que o sertanejo tirou dos momentos de privação vindos das estiagens, certos proveitos.

Segundo o autor, a seca é um fenômeno da natureza, e sendo assim, não há como combatê-lo com eficiência, restando apenas, a opção de aprender a lidar com os seus efeitos da melhor maneira possível, procurando amenizá-los para que seus efeitos não sejam tão graves. Para Manoel Dantas o homem sertanejo foi capaz de aprender essa lição bem melhor que os governantes que se encontram longe da realidade por eles vivenciada. O sertanejo teria aprendido a ser precavido, como afirma o autor: “Além dessas indústrias,

<sup>60</sup> Apud Ibid. p. 139.

<sup>61</sup> DANTAS, Manoel. *Homens de outrora*. p. 115.

existem as reservas dos sertanejos previdentes que, já por economia já por espírito de caridade, realizam serviços de açudagem e de cercados nos tempos de crise".<sup>62</sup> Essa mudança de atitude deveu-se principalmente à seca de 1877, que provocou uma verdadeira calamidade, mas, no entanto, trouxe ao homem do sertão uma espécie de resistência especial, principalmente no que diz respeito ao pânico causado por essa situação, o que, segundo o autor, é o pior dos fatores advindos dos períodos de grandes secas: "Declarada a seca de 1877, - estabeleceu-se o pânico, bem caracterizado numa frase que se tornou corriqueira - *o povo perdeu a cabeça*".<sup>63</sup>

No entanto, para Manoel Dantas, nascido no sertão nordestino, o sertanejo não se deixa vencer pelas situações difíceis, aprendendo com elas, as lições da sobrevivência do dia a dia. Com a seca de 1877, o sertanejo teria aprendido a ser previdente, procurando juntar na época da fartura o que lhe falta nos períodos de escassez. Foi através dessa grande seca que o sertanejo passou a interessar-se mais pela questão da açudagem, passou a utilizar o burro, animal antes alvo de chacota pela população e ainda a reservar para os dias de seca as sementes que sobravam nas épocas de chuvas, como, por exemplo, a do algodão, além do aproveitamento do leite como fonte de alimentação e ainda de negociação comercial, dentre outras técnicas exploradas a partir de então no combate aos efeitos da estiagem. A qualidade da previdência é, segundo o autor, valiosíssima, tendo o sertanejo a aprendido pelas lições do meio ambiente, e estando ainda o brasileiro em geral, distante de compreender: "Seria utopia pensar que o gênio brasileiro, indolente e descuidoso, fosse, por ora, capaz de tamanho esforço."<sup>64</sup>

Além de forte e previdente, o que já confere ao sertanejo características especiais e peculiares a seu gênio, Manoel Dantas o descreve ainda como dotado de bondade e humanidade. Um excelente exemplo dessa bondade encontra-se na forma como eram tratados os escravos, que vieram para essa região. Segundo o autor, esses escravos viviam em condições privilegiadas em comparação àqueles que foram levados para o Sul do país uma vez que eram tratados como membros da família, não eram submetidos a castigos desumanos nem explorados em demasia, sendo vistos como seres humanos dignos de

<sup>62</sup> Ibid. p. 117.

<sup>63</sup> Ibid. p. 119.

<sup>64</sup> Ibid. p. 112.

respeito e gratidão pelos serviços prestados aos senhores. O autor relata no trecho a seguir a tristeza da venda de escravos do sertão para o sul por ocasião de grandes secas:

*"Bocado bem amargo deve ter sido esse amassado com as lágrimas de filhos da generosa terra sertaneja, onde o escravo foi sempre tratado com brandura, quase como pessoa da família, e que a seca atirava à vida dura e cruel das senzalas do sul!"*<sup>65</sup>

A coragem é segundo Manoel Dantas uma outra qualidade típica do sertanejo, demonstrada quando é necessária, em especial em momentos de calamidades, como as provocadas pela seca, "[...] em 1898 declarou-se uma seca pavorosa [...] Cada qual que se atirasse a luta com mais coragem! E o resultado foi a salvação de grande parte da riqueza sertaneja."<sup>66</sup> Além de corajoso, o homem do sertão é descrito pelo autor como ponderado, quando denuncia o absurdo das derrubadas do gado e se surpreende com a conivência de alguns sertanejos com esse ato.

O autor tece ainda uma reflexão a respeito dos grandes centros industriais e da vida que se leva nas grandes cidades. A esse respeito Manoel Dantas considera algo irrealizável, que as indústrias tomem conta do sertão, trazendo consigo a agitação das grandes cidades e a injustiça das relações de trabalho e da não divisão das riquezas, peculiares ao capitalismo, uma vez que, segundo ele, o habitante do sertão prima por uma divisão justa das riquezas para que não haja alguém com muito enquanto outros não tem nada. Esse pensamento traz a idéia de um sertanejo justo e generoso que é capaz de privar-se da riqueza para que seus semelhantes não vivam na pobreza, um sertanejo incapaz de explorar outras pessoas e, portanto, de uma atitude verdadeiramente nobre. Essa idéia não nos causa surpresa, pois vem do mesmo princípio que rege a idéia da escravidão amena, que é proclamado pelo autor nesta mesma obra.

Falando a respeito da cidade e do sertão, Dantas coloca o espaço urbano como berço das novas gerações e o sertão como o das mais antigas e tradicionais, na qual ele próprio se inclui. Para ele, chegará o dia em que o sertão estará livre da ameaça dos efeitos das secas, pois atingirá um nível tal de prevenção que será possível impedir a destruição geral que se dá nos tempos de grandes estiagens, porém essa evolução nas condições de vida viria

<sup>65</sup> DANTAS, Manoel. *Homens de outrora*. p. 120.

<sup>66</sup> *Ibid.* p. 124.

atrelada ao progresso que se evidenciaria na cidade, seguindo os dois ambientes, como que, apoiados um no outro, para juntos melhorarem como um todo.

Outra característica demonstrada especialmente no capítulo que tem como título "Homens de outrora", é a da religiosidade sertaneja. Dentro do sertão o padre aparece como uma figura de extrema importância na vida social e religiosa, duas esferas que se aproximam e até mesmo se confundem especialmente no evento da "desobriga", visita periódica feita por um padre às localidades que não tinham vigário permanente, o que era considerado na época um verdadeiro privilégio. Nessas visitas, ocorria toda a sorte de eventos religiosos, primeira eucaristia, casamentos, confissões, missas e etc. A vida social da localidade sofria uma agitação especial em torno dos acontecimentos religiosos. O padre era uma figura extremamente respeitada e o sertanejo fazia valer esse respeito a todo custo. Segundo o autor, ele era apenas superado pelo poder de influência de uma outra figura, a do padrinho, homem em geral de maiores posses, que, possuindo vários afilhados, dispunha de influência entre as famílias dos mesmos, como Dantas explica em uma das passagens: "a exigência do vigário era muito poderosa, porém o velho José Teixeira não era homem para se deixar engabelar e o português era, antes de tudo, um homem prudente".<sup>67</sup> Dentro do maior respeito à autoridade, que era cultivado, segundo o autor, pelo sertanejo antigo, destaca-se ainda a figura do membro da guarda nacional, posição extremamente cobiçada no sertão por representar um meio de ascensão econômica e social dentro de uma sociedade estática como era a do sertão do século XIX.

Resumindo, Manoel Dantas construiu também ao longo de *Homens de outrora*, a imagem do sertanejo forte, corajoso, resistente, capaz de vencer as mazelas da seca e ainda tirar proveito dela, através do aprendizado de lições importantes para a sua sobrevivência, tornando-se ainda previdente (qualidade que segundo o autor não é peculiar ao brasileiro em geral). Generoso, o sertanejo não seria capaz de explorar seu semelhante, demonstrando uma espécie de nobreza de espírito, evidenciada nos bons tratos dispensados aos escravos e no desejo da igualdade através da justa distribuição das riquezas. A imagem do sertanejo, observada em Manoel Dantas, traz ainda o espelho que reflete em suas tradições, um homem simples, alegre e extremamente humano, além de religioso e respeitador das

<sup>67</sup> DANTAS, Manoel. *Homens de outrora*. p. 14.

tradições. Toda essa análise, o autor centra na observação e descrição do dia a dia do sertão, que produz, nas condições que oferece, o sertanejo que é descrito pelo autor.

As principais reflexões de Manoel Dantas giram em torno do sertão e do sertanejo, porém, o intelectual não se restringiu a esse tema. É o que demonstra um texto seu, *Natal daqui a cinquenta anos*, conferência proferida no salão de honra do palácio do governo em 21 de março de 1909. Nessa conferência, Manoel Dantas faz um exercício futurista, convidando os presentes a comparecerem a um pic-nic que se realizaria em 1959.<sup>68</sup> A partir desse convite é que Dantas passa a apresentar sua visão da cidade do Natal, passados cinquenta anos da data da conferência. Em se tratando de Manoel Dantas, podemos afirmar que as mudanças imaginadas por ele para a cidade estavam muito à frente de seu tempo, chegando a ser consideradas ridículas por muitos daqueles que assistiram à conferência. Dantas imaginou uma cidade desenvolvida e de destaque mundial onde o progresso estaria evidenciado na modernidade das construções arquitetônicas e na infra-estrutura montada pelos governantes para abrigar um pólo turístico e comercial, “[...] uma Natal que ele imagina cosmopolita, centro de atração de gente de toda parte do mundo que chega no trem transcontinental [...] para sentir a beleza das dunas, dos lugares mágicos e do humanismo de uma cidade que teria ‘asilos para sorte de doentes e vencidos da vida’”.<sup>69</sup>

No entanto, todo esse progresso e modernidade, que haviam mudado a rotina da cidade, não teriam retirado dela “a poesia”. Essa poesia pode ser entendida como sendo os bons costumes cultivados pela população, as tradições que estavam presentes no ambiente agradável e em um povo que não adquirira a frieza habitual dos habitantes das grandes cidades. Manoel Dantas, dessa forma, demonstra sua visão otimista do progresso, acreditando, por sua vez, que seria possível a convivência harmoniosa entre modernidade e “poesia”.

Mesmo tratando de um tema eminentemente urbano, uma vez que sua narrativa desenvolve-se tendo como palco central a cidade do Natal, Dantas não deixa de lado a

<sup>68</sup> Alguns estudiosos do assunto, como Pedro de Lima, acreditam que o texto *Natal daqui a cinquenta anos*, da autoria de Manoel Dantas teve inspiração na obra *Paris no século XX* escrita por Jules Verne. As obras parecem tratar do mesmo assunto à medida que procuram prever o futuro das respectivas cidades, porém discordam no ponto de vista adotado para tal análise. Jules Verne faz uma leitura pessimista de uma Paris moderna no futuro, enquanto Manoel Dantas, ao contrário, pensa que a futura Natal moderna seria um espaço bem melhor no qual a população poderia desfrutar de melhores condições de vida. Enfim, os problemas do século XIX seriam resolvidos no XX através do progresso.

<sup>69</sup> LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. p. 59.

importância do desenvolvimento do sertão para a realização de suas previsões. O intelectual relaciona o progresso da cidade com o desenvolvimento do sertão. Sua idéia é a de que a cidade serve como um escoadouro para os produtos cultivados no interior. Dessa forma, seria necessário um desenvolvimento conjunto, de um lado a cidade, moderna e industrializada e de outro um sertão consciente de seu lugar no país, convivendo inteligentemente com as adversidades naturais de seu território tendo vencido em fim o problema da seca, tão antigo quanto o próprio sertão no imaginário brasileiro. Esse obstáculo natural para o desenvolvimento da região seria suplantado pelas tecnologias implantadas com esse intuito, como por exemplo, a construção de um sistema de açudes. Essa visão pode ser comprovada no seguinte trecho:

*“Entretanto, a visão futurista do autor ultrapassa os limites de Natal, quando enuncia suas perspectivas de salvamento social e ambiental, com o controle do fenômeno das secas a partir da construção de um sistema de açudes, de cuja evaporação se formariam as nuvens e as chuvas que passariam a irrigar permanentemente o sertão”.*<sup>70</sup>

Dantas chega até mesmo a sugerir que antes se dedicarem ao desenvolvimento e à modernização econômica da capital, os governantes deveriam dar atenção às dificuldades enfrentadas pelo sertão e buscar soluções para que essas deficiências fossem vencidas, especialmente a da seca. Era preciso, portanto, que o progresso e a modernização se instalassem antes no sertão, uma vez que, desenvolvida a região, ela se tornaria uma espécie de pólo de produção agrícola e escoaria para o comércio e a indústria da capital os seus produtos primários. O papel do sertão no desenvolvimento da capital, na visão de Manoel Dantas, como podemos perceber é o de uma parceria entre os dois ambientes, no lugar da antiga disputa de importância econômica política e social travada entre eles, surgiria um caminho de complementariedade, que caracterizaria a modernização e o progresso a que teriam tido acesso sertão e capital. Como afirma Dantas: “[...] se Natal é o ‘escoadouro dos produtos do sertão’, o governante deveria pensar primeiro na resolução da questão de como enfrentar a seca no sertão”.<sup>71</sup> No seguinte trecho da palestra, podemos

<sup>70</sup> Ibid. p. 46.

<sup>71</sup> Ibid. p. 58.

perceber a harmonia a qual estamos falando, que se formaria entre a capital e as cidades do sertão:

*"Ali vêm as gentes do interior, queimadas pelo sol, porém confiantes no seu valor, fortes na sua riqueza. A seca desapareceu, ou por outra, o homem venceu a seca, neutralizando-lhe os efeitos [...] Natal alegra-se com estes resultados, porque é o escoadouro dos produtos do sertão"*<sup>72</sup>

Manoel Dantas, portanto, desenvolveu ao longo de sua obra, várias idéias a respeito do sertão e do sertanejo. Nelas fica claro o caráter progressista do intelectual e seu contato com as discussões sobre o tema no período, não só no Brasil como na Europa. Em suma, para ele, o sertanejo possuía um apego exagerado às tradições que o prejudicava, pois impedia a aceitação do progresso, das novas idéias e das novas soluções para a vida prática. Assim, apesar de valorizar a cultura sertaneja e reconhecer a sua importância, Manoel Dantas considerava que era preciso deixar para trás as práticas tradicionais e dar espaço para o progresso. Esse processo de aceitação da modernidade só seria possível por meio da melhoria do sistema educacional, essa seria, portanto, de acordo com ele, a principal providência a ser tomada para a inclusão do sertanejo no mundo moderno que se consolidava.

*Deveria está exposto o pensamento educacional de Manoel Dantas!*

<sup>72</sup> Apud LIMA, Pedro de. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas.** p. 73.

## 5 - CONCLUSÃO

A imagem que hoje fazemos do sertanejo, habitante do sertão nordestino, é na verdade uma idéia construída ao longo dos séculos e absorvida aos poucos pela sociedade em geral.

Os intelectuais deram a sua contribuição para a formação dessa "imagem sertaneja" através de seus discursos acerca do tema e de seu principal personagem, "o sertanejo". Esses autores construíram o que podemos chamar de uma representação do homem do sertão, que influenciou e ainda influencia fortemente a idéia que fazemos a respeito dele.

A opinião que se formou a respeito do próprio Nordeste, e que é veiculada na mídia em todo o país, faz jus ao que desde o final do século XIX e ao longo do XX foi construído como sendo a imagem do sertanejo nordestino. A mídia oscila entre dois extremos que vão desde a propaganda das belezas naturais do nordeste, cartão postal brasileiro, por excelência, com suas magníficas praias, atração para turistas do mundo inteiro, até a vergonha nacional que se chama seca. É muito comum assistirmos a reportagens que mostram imagens de crianças, mulheres e homens magros, maltratados pela fome, pela sede e enfim, pela pobreza. Este é o lado "feio" do nordeste que é contrabalançado pelas belezas das praias do litoral. Na verdade, o que a mídia reproduz são apenas algumas das imagens que foram construídas ao longo do tempo acerca do nordeste, imagens que representaram interesses e que estão historicamente inseridas em seu tempo. Assim, é produzido um discurso a respeito do nordeste e do nordestino que, na maior parte das vezes tratou de inferiorizar a região e foi absorvido em todo o país, incluindo a própria.

A construção dessa imagem esteve cercada de um verdadeiro aparato ideológico advindo de uma série de idéias que tomaram conta do ambiente intelectual brasileiro no século XIX. Dentre elas, as que mais contribuíram foram as considerações do darwinismo social, que revestidas de um caráter extremamente racista, considerou o sertanejo, mestiço, inferior e portanto, incapaz de acompanhar o progresso que se apresentava nos novos tempos.

É nesse contexto ideológico que se desenvolve a produção intelectual do norte-riograndense Manoel Dantas, que se destacou dentro do estado por sua habilidade com as

palavras, demonstrada através do principal meio de divulgação de seu pensamento no estado: o jornal. Manoel Dantas escreveu inúmeros artigos, principalmente para os jornais *A República*, veiculado na capital do estado e *O Povo*, publicado no Seridó. As idéias defendidas por Dantas acerca do sertanejo divergem, em parte, daquelas que eram comuns à sua época. Uma vez formado na Faculdade de Direito de Recife, Dantas manteve-se em contato com as principais idéias européias que chegaram ao Brasil durante o século XIX e demonstra claramente em seus textos a influência destas em seu pensamento. Contudo, foi um pouco mais além em suas considerações, no que tange ao sertanejo e, ao invés de simplesmente aceitar a teoria da inferioridade sertaneja centrada numa suposta "deficiência racial", procurou refletir a respeito das razões que haviam permitido esse "atraso cultural" evidenciado no homem do sertão em relação, especialmente, à sua rejeição quanto às novidades do progresso. Foi através dessas reflexões que Manoel Dantas acabou chegando a diferentes conclusões sobre o tema. Para ele, a suposta "inferioridade sertaneja" não tinha relação com nenhuma espécie de questão racial, mas, ao contrário, era fruto de um fator externo, que com o tempo foi criando uma espécie de "abismo" entre os costumes do sertão e a modernidade, deixando o sertanejo para trás nesse processo de mudanças.

O fator externo a que nos referimos é a educação, ou melhor, a deficiência apresentada por esse setor no estado. Para Dantas, o sertanejo não conseguia acompanhar o processo de modernização devido a um atraso educacional em relação às outras regiões do país. Para ele, era preciso que o homem do sertão recebesse uma educação adequada, pois, só assim perceberia que já era tempo de deixar, na prática, as antigas tradições para trás e voltar-se com entusiasmo para o futuro.

É importante ressaltar que a tradição sertaneja não é desprezada pelo intelectual, pelo contrário, é exaltada como identidade cultural que caracteriza o homem do sertão, no entanto, o seu apego excessivo ao tradicionalismo e às soluções do passado, prejudicariam o nascimento de um certo ímpeto que levaria ao desejo de encontrar soluções cada vez melhores para as questões do dia a dia. A falta dessa inclinação para o progresso levaria o sertanejo a desprezá-lo, em detrimento das soluções mais antigas e tradicionais, caracterizando-o como indolente, permissivo, apático ante a sua realidade, e, portanto, excluído da sociedade moderna e progressista.

Dessa forma, Manoel Dantas nos é apresentado como um intelectual progressista, adepto das teorias científicas e defensor extremo da educação como único meio de solucionar os problemas do sertão. A educação seria a "luz" no fim do túnel, a iluminar os caminhos do sertão. O sertanejo é ainda definido como um homem forte e íntegro, um verdadeiro herói capaz de superar as mais diversas adversidades do meio no intuito da sua sobrevivência. A respeito do meio, percebemos que este tem uma forte identificação com o homem do sertão, principalmente quando o objetivo é a construção da imagem desse homem através da reunião de suas principais características. É então que o meio é evocado como parte integrante do homem, pois acaba, de certa forma, por confundir-se com ele. A descrição detalhada do meio e sua ligação intrínseca com o homem que o habita é influência, ainda, do Regionalismo, que impulsionou a busca pelas características específicas de cada região, respondendo à necessidade de conhecimento das mais diversas regiões do país, para gerar um sentimento de nacionalismo, apoiado no orgulho das belezas naturais e da cultura do local. A criação desse sentimento fortaleceria, um pouco mais tarde, a consolidação do novo regime político, a República.

Manoel Dantas foi, sem dúvida, um dos intelectuais de sua época, que mais procurou exaltar a idéia de um sertanejo forte, digno e honesto utilizado, por suas virtudes, como imagem do brasileiro "raiz", sem, no entanto, perder de vista os problemas que o circundavam. Por essa postura, Dantas conseguiu estabelecer uma espécie de "meio termo", entre os pensamentos que exaltavam o sertanejo apenas como exemplo de brasilidade e aqueles que o colocavam somente como inferiores, e, assim, o desvalorizavam.

## 6 - FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES

DANTAS, Manoel. **Homens de outrora**: Natal. Fundação José Augusto, 2001 (1. ed. 1941).

### BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno**: a invenção do Nordeste e outras artes, 1994. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1994.

ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, Joanildo A. (Org). **Cultura e identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 125 – 141.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República**: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880 – 1895). Natal: EDUFRN. 2002.

COSTA, João Cruz. O pensamento brasileiro sob o império. In: HOLANDA, Sergio Buarque de (Dir). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1976. t. 2, v.3, p. 323-342.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. (Org). **Cultura e identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105 – 123.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios**: 1875-1914.3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIMA, Pedro de. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Offset Gráfica e Editora, 2002.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó**: espaços e história no regionalismo seridoense, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

MELO, Veríssimo. **Patronos e acadêmicos**: academia norte-rio-grandense de letras, antologia e bibliografia. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972. v. 1.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Editora 34, 1977. cap.1. (Coleção Espírito crítico).